

Dante Alighieri e apóstrofe: o efeito da leitura e o figuralismo estético na formação do leitor contemporâneo

Junior César Ferreira de Castro

Doutor em Literatura pela Universidade de Brasília (UNB)

E-mail: profjuniorcastro@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6153257232839448>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1747-8425>

Revista Falange Miúda
ISSN 2525-5169

Periodicidade:
Fluxo contínuo

Volume 8
Número 1

Resumo

O efeito da leitura na contemporaneidade é dado com o dever do leitor empírico em coautoria na configuração da escrita literária. Essa interpretação figural ocorre com o preenchimento histórico ao refigurar o real no mundo do texto. Em *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, observa-se que o apelo está nos moldes renascentistas da apóstrofe, do discurso da linguagem e da forma os quais permitem ir à tradição medieval e retomar no hoje com um novo juízo de valor moral e cristão. O figuralismo estético está na passagem do leitor antigo ao atual como um ser partícipe da dimensão espacial e temporal da obra literária à medida que sua rede de significação não esteja apenas centrada na voz do autor, mas nas referências instituídas pela própria escritura. Tendo-se como base principal a análise de “Apelos ao leitor”, de Erich Auerbach (2007), em *Ensaio de Literatura Ocidental*, a investigação esclarece que o receptor nasce com o texto, porém é na linguagem e no efeito da leitura pelo ato da resignificação do texto e da recepção que esse ele vai se inscrevendo nas mais diversas épocas.

Palavras-chave: Leitor. Leitura. Dante Alighieri. Figuralismo estético.

1 Introdução

Durante a leitura, o leitor é sempre o sujeito ativo que atribui significado ao texto por meio das informações arquitetadas pelo discurso da linguagem. Em se tratando da literatura, o seu papel é ainda mais relevante uma vez que, além de compreender a mensagem, ele é o refigurador da própria comunicação. O ato de ler é um recurso da experiência-consciência ou da percepção sobre a obra artística a qual busca efetivar o conteúdo e a forma através do olhar imagético daquele que lê por ser este capaz de decifrar o não-dito da escrita. Esse exercício é convertido no mecanismo da própria criação literária ao representá-lo como sendo um dos elementos configuradores e articuladores das palavras. Assim, o leitor mergulha na instância múltipla das significações por apropriar de outros textos, dos vocábulos, das suas implicações e experiências vividas para entender a poética seja ela a epopeia, a lírica, o texto dramático, o romance e os demais gêneros textuais da tradição ou da contemporaneidade.

A grande questão problemática levantada é o modo de como o leitor se constitui como ser partícipe dentro da dimensão e da diversidade temporal da obra literária. Toda essa rede de significação não depende única e, exclusivamente, da voz do autor, mas sim a do receptor ao desvendar as referências e ideias postas antes mesmo de estabelecer a sua escritura. Se o leitor não tem um passado por nascer com o texto, logo, ele está presente desde a antiguidade até os dias atuais pelo fato de a linguagem textual em si ser a produtora desse efeito. Em *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, objeto desta pesquisa, o leitor entra em cena junto com o poeta enquanto coautor do grande épico visto que o autor o convoca como a conjuntura do processo criativo para inferir determinadas associações na construção de sentido do poema narrativo.

A ideia de considerar o leitor integrante da própria atividade produtora é trazer a transposição metafórica de sua imagem empírica do campo prático para o campo do *muthos* com a finalidade de consubstanciá-lo junto ao enredo e ao autor para a promoção do efeito de leitura. Portanto, é nesse instante que o efeito da leitura ganha espaço quando o sujeito épico interfere na ação para dialogar com o leitor e delineá-lo como sendo aquele contestador dos valores estéticos e das convenções religiosas postas pelo epos. Com o intuito de fundamentar esse princípio, o de que o leitor é o espaço do texto onde ele mesmo se inscreve nos

traços da escritura ressignificativa, convocamos Roland Barthes (2004; 2006), Dante Alighieri (2009) e Eric Auerbach (1997; 1987; 2007) para interpretar a figura do leitor pela plena participação ativa e como recurso de formalização do conteúdo, enfatizando-se, ainda, a concepção teórica de Paul Ricoeur (1994) e de Umberto Eco (1993).

O delineamento do leitor empírico ocorre pela voz do autor e do narrador. Na tentativa de singularizá-lo aos moldes de um coautor pela descrição das reais características, o sujeito poético o coloca na leitura literária como recriação ou fruto da interação produtiva. Com isso, a justificativa está em mostrar o devir desse leitor o qual é elucidado pelos eventos inscritos já que a obra requer na sua própria intervenção a edificação dos significados. Na mesma seara, o objetivo é consolidado por apresentar a forma de como o epos e a apóstrofe materializam essa interpretação figural do leitor antigo mediante o exercício do ler e do processo da refiguração da imagem do leitor no mundo contemporâneo. Para tanto, recorreremos a ideia de que a leitura e a escritura convergem entre si na criação literária, na fruição estética e na recepção do texto para, em seguida, se fundamentar nos preceitos teóricos de Leyla Perrone-Moisés (1998), Wolfgang Iser (1999), Hans Robert Jauss (2011) e Roger Chartier (1999; 2002).

Ao investigar o efeito de leitura, o preenchimento histórico e o figuralismo estético, o estudo passa a ser inscrito pelo método indutivo e no conhecimento fenomenológico-literário de Antônio Gil (2019). Com a finalidade de arguir à maneira de como ocorre a estrutura do ato de ler, o devir do leitor antigo medieval com o de hoje e a relação do jovem com a leitura como fruto autoral do processo de criação, convocamos Michèle Petit (2009), Ricardo Piglia (2006), Eduardo Sterzi (2008) e Hayden White (2022) para entender essas definições e do porquê ler Dante a partir de um realismo figural. Nesse sentido, essa temática é respaldada pela pesquisa qualitativa, exploratória e bibliográfica de Pedro Demo (2000) ao verificar que a significação está além da palavra onde cada conjunto de significantes revela a potência do receptor em se reconhecer na criação. Enfim, a investigação vem validar a transformação do leitor empírico no sujeito leitor-autor e de suas múltiplas instâncias ao desvendar no entrelaçamento das palavras o oculto da linguagem então dado pela estética do texto literário.

2 A interpretação figural e o apelo ao leitor

Por que analisar o processo do efeito da leitura e de autoria em *A Divina Comédia*? Este questionamento vem sendo levantado e discutido desde a Antiguidade clássica quando o leitor atua como o sujeito partícipe da construção do texto. No entanto, sabemos que o seu modo de representação se diversifica de acordo com os fatores estéticos e culturais de cada época onde o apelo ao leitor é instituído pelo jogo de linguagem. Em Dante Alighieri, a imagem poética é arquitetada na narrativa pela atividade criativa uma vez que o movimento dos tercetos, das rimas e da aventura escatológica do herói enfatiza o papel do receptor enquanto figura autoral. A interpretação figural é convocada aqui por acompanhar e explicar o conceito auerbachiano de preenchimento derradeiro, fruto da concretude histórica, e por arquitetar a imago na condição de coautor do épico italiano. Com isso, há o afastamento da definição abstrata e alegórica de leitor imaginário presente já nos modelos anteriores à renascença para consolidá-lo no princípio da refiguração textual.

A interpretação figural na concepção de Erich Auerbach (1997) é composta tanto pela verdade instituída com a história quanto pela imagem do leitor ao configurar a realidade para o mundo do texto. O julgamento das almas no inferno, a ordenação no purgatório pelos setes vícios capitais e a realização eterna ou o alcance da felicidade no paraíso são compostos, simbolicamente, pelas cargas teológicas, filosóficas e poéticas entranhadas no poema. No ato da leitura, o receptor as revela de sua sombra empírica para dispô-las em consonância com a inteligência das palavras por meio do *intellectus spiritualis* que costura os significados durante o preenchimento histórico e estético. Contudo, o interlocutor de hoje não é o daquele da ordem divina ligado ao esquematismo do figuralismo teológico, mas o ser aliado a uma subjetividade operante dentro da relação causal da similitude. É nessa união que nasce o ato inventivo do leitor ao buscar o evento posterior, o de coautor do poema, para se refigurar junto as coisas, anteriormente percebidas, pois envolve a cultura renascentista italiana enquanto conteúdo do presente.

O leitor moderno para Hayden White (2022) ocupa o lugar do preenchimento estético do anterior percebido pela causalidade figural. Essa relação ocorre com a similaridade a qual é arquitetada através do figuralismo histórico. A sede afetiva

operante trabalha com a forma e a matéria para promover a proximidade, bem como a identificação da visão teológica medieval no contexto atual por um novo olhar crítico. *A Divina Comédia* é um poema épico composto de um tríptico formado por poemas longos e pelo sistema de terza rima (ABA, BCB, CDC...) que representa os três reinos além-tumba. Mesmo mantendo toda a sua literariedade poética, essa imagem cristã do juízo final afasta da visão renascentista à medida que as escolhas dos leitores empíricos e as decisões dos agentes históricos mais recentes passam a imperar sobre a cultura anterior para firmar a ideia renovadora sobre os valores religiosos. Assim como o Renascimento Italiano é o preenchimento da civilização greco-latina, a contemporaneidade é a causalidade figural da idade medieval ao criar o encadeamento genealógico que autoriza a escritura dantesca a descender do protótipo anterior para ser preenchido pela subjetividade durante a refiguração e do ato criativo.

A representação do leitor está na figura-preenchimento. O processo de figuração não anula e nem nega o historicismo e sim o consubstancia ao novo realismo disposto pela leitura da tradição. Com a teoria auerbachiana da *Mimesis* (2004), é possível que essas informações sobre Dante Alighieri, as da representação da realidade e da cristianização do mundo ocidental, sejam obtidas a partir do poema épico sem deter, cronologicamente, na vida e obra do autor. O leitor de agora não vivencia a mesma universalidade humana ou a coletividade como a de antes pelo fato de estar inserido na cultura das fragmentações identitárias. O mundo é configurado através de sua experiência interiorizada que afasta do real empírico para inserir no cosmo da palavra. Com isso, o receptor vai se apropriar, em primeiro lugar, da linguagem do texto para, em seguida e, de acordo com Michèle Petit (2009), construir-se a si próprio como participante da escritura, transportando toda a contextura epocal a um outro tempo e lugar.

A figura do leitor é trabalhada na própria leitura do poema. O texto dialoga, dá voz e o coloca dentro da temporalidade e da espacialidade textual retomado no presente do passado por meio do discurso da forma e da linguagem. Esse traço estilístico de corporizar a relação entre leitor e herói-poeta Dante se evidencia como sendo um dos elementos significativos do processo de produção de *A Divina Comédia*, levando-a se diferenciar das demais obras dos escritores da Antiguidade Clássica e da Idade Média:

Pensa, leitor, no meu desanimar
ouvindo o som dessas falas soezes

e temendo não mais poder voltar!

(DANTE, 2009, p. 80)

O terceto do oitavo canto, versos 94-96, de “Inferno”, é uma exemplificação das vinte passagens que mostram a intensificação dramática do apelo ao leitor para partilhar os sentimentos e a experiência de herói-poeta. Na literatura europeia anterior, o preenchimento figural não era usado em alguns gêneros poéticos como na épica antiga de Virgílio e Lucano, pois não alcançava, conforme Eric Auerbach (2007, p. 112), o mesmo “nível de dignidade e intensidade que se vê em Dante”. Já em *A Divina Comédia*, o narrador envolve o leitor com o lamento da dor e do desespero ao deparar com o quinto círculo dos demônios do Rio Estige que o impede de desembarcar na porta de Dite (Lúcifer), “*temendo não mais poder voltar!*”. O autor busca no mundo ético a cristandade como base da pré-narratividade e referência para a sua criação ao solidificar este conteúdo e torná-lo narrável pela representação da realidade. Isso explica a conclamação ao receptor (“*Pensa, leitor, no meu desanimar*”) visto vez que ele pertence ao campo prático da formalização do texto e não só ao fundo cultural, permitindo-lhe a contemporização de sua existência através da efetivação de uma temporalidade específica (RICOEUR, 1994, p. 110). E é nessa condição temporal de transfigurá-lo na última instância criativa que o sujeito leitor revela alguns temas implícitos pela escrita como a glorificação a Luzia por transportá-lo durante o sono aos lugares mais altos do portão do purgatório onde Virgílio o esperava:

Ó leitor, bem tu vês como eu exalto
o tema meu, e agora com mais arte
não te admires se o levo ainda mais alto.

(DANTE, 2009, p. 316)

Os versos 70-72 pertencem ao nono canto do poema “Purgatório”. A invocação está nesse tom mais aflitivo da visão sublime virgiliana e na premência agostiniana ao colocar o receptor mediante a aporia temporal uma vez que o passado renascentista é o instante presente para quem o lê dentro de seus juízos de valores. O estilo de Dante Alighieri foca o leitor específico e não a humanidade em geral como faz Ovídio com as demais poesias latinas e vernáculas ao clamar por piedade a fim de pedir atenção, anunciar determinado conteúdo ou pregar alguma moral. Logo, é dentro do preenchimento histórico ou estético que o leitor atual se

mantém no universo religioso medieval ao refigurar a narrativa não apenas pela voz ou na morte do autor como diz Roland Barthes (2012), mas de sua interferência na compreensão do texto a qual é dada pela própria voz enunciativa (“*não te admires se o levo ainda mais alto*”). Percebe-se, a partir daí, que o autor não controla o significado a cada releitura do texto em determinado tempo de uma época devido ao preenchimento figural do avanço do historicismo. *A Divina Comédia* estará sempre diante do leitor ativo que a reescreverá nos mais diversos horizontes da interpretação.

“*Ó leitor, bem tu vês como eu exalto*” é a forma estilística da apóstrofe que convoca o leitor com o seu oponente passado ausente para causar o impacto emocional estético ao se pôr no mundo da palavra poética. Ao contrário do poeta italiano, os autores renascentistas jamais elegeram o estilo como figura de linguagem e sim se põe na forma da imitação ou adaptação aos precursores clássicos para fins morais. É por intermédio do ato de tecer, das traduções e das releituras que ele revive o texto do ontem no hoje, pois na visão de Leyla Perrone-Moisés (1998, p. 13), a leitura não revela o que a obra literária possui, mas a recria e atribui um novo sentido do passado no presente pelo olhar de quem a lê. O verso “*o tema meu, e agora com mais arte*” diz sobre esse processo de criação através da apóstrofe por ser um nível estilístico de vozes direcionadas ao uso do vocativo e do imperativo afirmativo então marcados por uma invocação de tom sublime religioso. Mesmo que tal recurso retórico tenha exercido influência no estilo de Dante Alighieri, o leitor empírico tem a faculdade de se figurar no apelo de modo singular visto que a invocação é utilizada nos discursos ou nas afirmações, e “o vocativo é um elemento essencial tanto no apelo ao leitor quanto na apóstrofe em geral: o imperativo não é essencial” (AUERBACH, 2007, p. 119).

O apelo e a apóstrofe presente nos textos medievais têm como cerne a voz do pesar e da lamentação que soava, ao invés do ritmo suplicante, um tom mais imperioso. Esse modelo estilístico foi se afastando das ideias morais cristãs com o preenchimento figural pós-moderno para estender ao mundo físico, político e de uma cultura líquida onde a busca pela verdade e a solidificação das relações humanas foram abaladas pela individualidade. Apesar de *A Divina Comédia* centrar no público letrado específico, essa forma estilística se encontra agora com o leitor contemporâneo na mesma posição do sujeito partícipe do processo de escrita. A visão do receptor faz com que a apóstrofe da melúria renascentista adquira uma nova força poética ao ser revelada pelo verso, pois cada um dos significados

alegóricos incorporam a visão cristã daquela época na atualidade com outros juízos de valores. Assim, ler Dante Alighieri, como diz Eduardo Sterzi (2008, p. 54-55), é adquirir uma relativa estabilização da consciência histórica posto que o passado se sucede no presente moderno a fim de confrontar a cultura vernacular com o paganismo de hoje.

O conjunto das terzas rimas explora esse sabor antigo da força sublime do realismo ocidental. Ao mobilizar o ato criativo pela apóstrofe, segundo Roger Chartier (1999), a leitura produz os significados sobre aquilo que o livro quer impor em virtude de os acontecimentos serem rememorados no tempo presente do poema. Para efeito de exemplificação, segue-se, respectivamente, o canto nono, versos 61-64, de “Inferno”:

Ó intelectuais sadios e judiciosos,
entendi a doutrina disfarçada
sob o velame dos versos curiosos!

(DANTE, 2009, p. 84)

Em *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, a liberdade leitora não é absoluta uma vez que é cercada pelas convenções estilísticas e dos hábitos religiosos da época. Na maioria dos casos, o leitor fica retido a uma prática de leitura centrada apenas no conteúdo, mas a forma é determinante para que o figuralismo histórico seja caracterizado dentro dos preceitos teóricos atuais. Logo, é notório perceber a invocação de Dante ao interlocutor como um ser inteligente e ponderado capaz de fazer seus próprios julgamentos. Ele demonstra a emoção ou estado de espírito quando entra no sexto círculo da cidade de Dite (Lúcifer), deparando-se com as visões infernais e os tûmulos ardentes dos heréticos em volta das muralhas. No verso “*Ó intelectuais sadios e judiciosos*”, o uso do vocativo pela interjeição “ó” retoma o discurso retórico por haver expressividade diante das intenções do poeta. A apóstrofe é acompanhada do metro carregado do terrível humor soturno tão presente em “*sob o velame dos versos curiosos!*” e, em seguida, da invocação centrada no humor jocoso (“*entendi a doutrina disfarçada*”). Essa ocorrência se deve à originalidade posta entre o leitor e o autor, bem como pelo próprio papel do poeta ao partilhar sua atividade criativa. A estrutura estilística do apelo é retomada com intensidade no segundo canto, versos 1-3, de “Paraíso”:

Ó vós que em pequenina barca estais,
e o lenho meu que canta e vai, ansiados
de podê-los escutar, acompanhais,

A forma “Ó vós” é considerada uma construção clássica de natureza nobre e sugestiva das epopeias. É tido como o vocativo ou recurso estilístico que assume a função da apóstrofe com a intenção de revelar os caminhos a serem seguidos pelo personagem nos novos mares e círculos do paraíso acompanhado daqueles que poucos cultivaram o saber e a poesia. O apelo faz com que a invocação não esteja, diretamente, voltada ao leitor, mas aos seus verdadeiros acólitos da viagem. Em “*Ó vós que em pequenina barca estais*”, o narrador demonstra que o diálogo com os receptores permanece ao colocá-los na mesma imagem poética dos peregrinos ou assistentes religiosos. Assim, a súplica ao leitor está no ato de continuar ou interromper a leitura do livro, porém o ansioso desejo é “*de podê-los escutar, acompanhais*” pela jornada do paraíso. Portanto, é na rede de signos que o leitor contemporâneo vai se edificando como coautor. Ele está, segundo Ricardo Piglia (2006, p. 24), diante do infinito e da proliferação, pois a escrita não se encerra na palavra e sim no prolongamento da significância pela leitura, do ler de outro modo conforme a liberdade do uso do texto e do interesse do interlocutor.

A relação estabelecida entre poeta e leitor é a mesma do profeta com os seus ouvintes ao cristianizar o estilo clássico e assemelhar com as apóstrofes antigas. A própria tessitura do poema épico nos deixa claro que o receptor nunca se tornará no verdadeiro viajante como foi o poeta. Ao participar, ativamente, do processo criativo enquanto coautor, ele adentrará nessa mesma imagem poética do ser errante ao passar pelos estágios do inferno, do purgatório e do paraíso, edificando-se os valores filosófico-culturais medievais no mundo da individualidade. Dante Alighieri descreve a segunda queda do homem e, conforme Eric Auerbach (2007, p. 125), revela “à humanidade a ordem eterna instituída por Deus e, por essa via, ensinar a seus semelhantes o que há de errado com a conformação da vida humana naquele momento específico de sua história”. Para chegar ao não-dito pelo texto e tão asseverado pelo filólogo alemão, é certo que a criação literária incita o leitor a percorrer por cada meandro da narrativa a fim de lhe dar os contornos e os caracteres particulares de autoria já que a sua construção ocorre com o efeito de leitura das apóstrofes. E são nessas lacunas ou nos lugares vazios do poema que o receptor, no olhar de Wolfgang Iser (1996, p. 75), decifra os significantes e os correlatos de consciência produzidos pelo seu ponto de vista em movimento com o processo de criação.

O exercício ou efeito de leitura ativa é o responsável por criar, delinear e dar o caráter efetivo à figura do leitor na estrutura do texto pelo discurso da forma e da linguagem. O ponto de vista e as referências se afirmam pela arquitetura perspectivista do texto, levando assim o leitor a se constituir nesse quadro das apóstrofes e dos elementos retóricos. Uma vez inscrito no poema, ele vai se afastando da imagem pensada ou pré-configurada pelo autor para dar espaço a aquela em que interage dentro das perspectivas do texto, pois as referências não são dadas *a priori* e sim construídas com a estruturação do épico. Na visão iseriana, esse devir do receptor empírico para o de coautor é gerado pela diversidade referencial das perspectivas da representação através do horizonte das significações das estrofes relacionado com a intenção e por meio do preenchimento estético. Portanto, o poeta italiano diferencia dos demais autores medievais ao recorrer a falta de presença real para estar e aproximar dos leitores de qualquer época e ambos experienciar o papel de escritor.

Nessa altura da discussão, é relevante enfatizar que o leitor é constituído de maneira individual e, historicamente, de acordo com a inserção das vivências no decorrer da leitura. Desse modo, o figuralismo ou o preenchimento estético na epopeia renascentista favorece as atualizações históricas e as peculiaridades particulares do receptor dentro do poema para que a temática seja compreendida na contemporaneidade. *A Divina Comédia* é uma obra singular e de tradição do Evangelho que gira em torno deste evento histórico bíblico. O poeta sabe de tudo, e os leitores devem fazer o julgamento dos acontecimentos uma vez que integra esse processo de transferência por intermédio da atividade criativa onde as estruturas do texto se traduzem nas experiências do leitor. E é nesse ponto de vista e nas referências dos eventos cristãos que o realismo do autor se associa com a experiência leitora do contexto histórico atual pelo fato de este realismo estar também na relação do leitor com a ficção poética, pois

Dante dirige-se ao leitor como se tudo o que tem a relatar fosse não apenas a mais pura verdade factual, mas a verdade infundida de revelação divina. O leitor, assim como Dante o concebeu (e Dante na verdade cria seu leitor), é um discípulo. Não lhe cabe discutir ou julgar, mas seguir, com suas próprias forças, pelo caminho que Dante lhe impõe (AUERBACH, 2007, p. 129).

As interações entre o autor, o texto e o leitor ganham evidências quando as expectativas de sentido da epopeia são vivenciadas pelo receptor. O processo de formação dos significados se desenvolve na realização seletiva em que o próprio

poema oferece no instante da recepção. Se o leitor está em uma realidade histórica diversa de *A Divina Comédia* onde esta deveria ser interpretada por um conceito de arte unívoca como foi no Renascimento, logo, a obra literária passa a ser compreendida no real contexto pela ressignificação. Para Hans Robert Jauss (2011), a recepção do texto e o ato de reflexão são diferentes porque a interpretação dos significados e a reconstrução da intenção do autor não ocorrem com a experiência primária da forma e sim no efeito estético durante a compreensão fruidora e compreensiva. Isso quer dizer que se o apelo, mesmo estando nos moldes da apóstrofe antiga, não deixa de expressar o êxito do sublime, da grandiosidade e da premência para o receptor contemporâneo. O preenchimento figural e a fruição estética reconstroem o processo histórico com o objetivo de que o poema épico seja interpretado nos mais diversos tempos.

A formação do juízo da forma e do conteúdo pelo leitor de Dante Alighieri ocorre por meio da fruição estética e da fruição da compreensiva. Com isso, possibilita-nos estabelecer a analogia do desenvolvimento histórico da obra literária com o agora através da instância do efeito e da recepção. No decorrer da leitura, é possível verificar a relação do ato frutivo pelo preenchimento ao comparar com a retórica de Demóstenes. O orador, ao produzir um apelo de convencimento à plateia, cria os argumentos contra a divindade, o do poder se centrar na força política e, ainda, o fato de o destino decidir o que deve ou não acontecer. Ao apresentar as atualizações da significação textual, os processos de formação de sentido dessa narrativa pela oratória do político grego passam pela experiência empírica do leitor mediante a sua condição sociocultural para ter como resultado a formação da imagem poética leitora de si. Com esse novo preenchimento histórico, nota-se que toda a revelação cristã, tendo como Deus o único arbítrio da justiça, foi o pensamento forte do período. A oratória demostiniana nunca deve ser julgada nas mesmas premissas do poeta devido a sua base filosófica ser outra como ocorreu na modernidade e, conseqüentemente, no mundo contemporâneo.

A disputa política passou a ser vista como uma forma de combate sobre a interpretação da vontade de Deus. O apelo em Demóstenes e o de Dante Alighieri se convergem no ponto comum da apóstrofe, mas diferenciam na materialidade da linguagem uma vez que o primeiro convoca a retórica e o segundo a poesia para apresentarem a sua visão como sendo autêntica. A invocação a autoridade divina era considerada um modo normal de expressão na civilização medieval. Assim, são fatores como estes que direcionam os leitores a constituírem a sua base de

consistência dentro do sentido do poema épico e do processo de leitura onde essa interação se dá entre a estrutura da obra e o receptor. A fruição artística criada pelo autor e o efeito estético concretizado através do leitor estão sob um sistema de combinações dentro do texto, cabendo a aquele que lê realizar tais associações e instituir a imagem leitora pelo campo do vazio e o da negação. É nesse eixo da agregação iseriana que ainda resiste o receptor de *A Divina Comédia*. Os vazios propiciam as perspectivas de representação e podem levar o leitor a comandar as suas concepções e impressões do texto enquanto a negação lhe permite se situar no poema pelas marcas linguísticas das apóstrofes. Logo, a conversão do pecador ao caminho de Deus é apreendida não mais por meio da visão renascentista, mas um olhar do novo leitor que identifica o protagonista como símbolo de si mesmo, de um homem vulgar ao escolher o percurso do bem e da ética no juízo final.

Eric Auerbach (2007, p. 132) contesta que o legado de *A Divina Comédia* está na força poética e não na doutrina política. A poética estabelecida por Dante Alighieri alcançou o seu patamar por inspirar uma verdade que transcende o sentido imediato e visível ao longo dos séculos. Isso só foi possível porque, ao entrar em contato com a epopeia pela leitura, o leitor empírico cedeu o seu lugar à própria imagem de si, pois é resultado dos aspectos vazios, dos valores negados e da própria perspectiva interna do texto. A materialização vem se afirmar no conjunto das pré-orientações e na refiguração que o poema oferece já que a sua existência e a da epopeia são confirmadas ao serem lidas pelo receptor. Portanto, é o figuralismo estético e o preenchimento histórico que consentem o leitor a identificar a concepção da unidade política terrena e a interpretação cristã da vida humana como queda e redenção ou dos eixos centrais da compreensão dialética do passado ausente no hoje. É por meio do discurso da linguagem e da forma, principalmente das apóstrofes, que se legitima os apelos/apóstrofes carregados de toda uma premência para dialogar, sobretudo, com o leitor contemporâneo da mesma maneira que se interagiu com o leitor antigo.

3 Considerações finais

O vazio e o não-dito são elementos estruturais que se ocupam da fisicidade do leitor pelo processo de interação com a escrita e da comunicação estabelecida através do sentido do texto. O preenchimento desses espaços diante da leitura diz

respeito a atualização do contexto histórico renascentista na contemporaneidade em que os receptores, afastando-se de qualquer perspectiva unidirecional, permitem várias possibilidades de interpretação por manter uma relação de assimetria entre o texto e o leitor. Ao serem revelados pelo figuralismo estético, esse sujeito empírico cede lugar ao leitor implícito então revelado com atividade de coparticipação ou refiguração uma vez que este reconhecimento enquanto coautor se constitui como imagem de si a partir do efeito da leitura.

O processo dialógico é realizado por intervenção de tudo aquilo que se mostra ou está oculto no enredo de *A Divina Comédia*. O mostrado em Dante Alighieri se configura pelo discurso da forma materializada pela apóstrofe. A invocação está em constante exercício para a concatenação dos apelos a fim de criar essa ideia da representação do período medieval e da cristianização no mundo atual. Isso mostra que o leitor de hoje reafirma o épico dos valores cristãos e da moralização do homem por novos dados apresentados com a reformulação da leitura. A individualização do sujeito no Modernismo e acentuada na pós-modernidade vem proporcionando novas impressões que contrariam ou não as expectativas sobre essas crenças. Os princípios pagãos e o apelo ao leitor, elementos do oculto ou que fora calado pelo próprio conteúdo, são revisitados no agora com o objetivo de estimular a produtividade do efeito de leitura por interferência daquilo que está dito como o pecado (homem/Dante), a fé (Beatriz) e a razão (Virgílio).

É interessante destacar nessas últimas considerações o modo de como os atuais leitores se comportam diante da leitura de *A Divina Comédia*. A recepção da obra literária promove, segundo Hans Robert Jauss (2011), a ruptura dos valores tradicionais para renovar o horizonte das expectativas desse novo público visto que ela está adequada a um padrão renascentista já pré-estabelecido na produção do belo moralizante e da estética. No entanto, sempre haverá um outro posicionamento porque o leitor detém de uma leitura a qual evidencia as mais diversas reflexões tanto sobre o discurso da linguagem por ter como finalidade o ensinamento religioso edificado por símbolos alegóricos quanto das implicações de ordem cultural e social porque o poema permite esse julgamento pelo preenchimento histórico anterior do que é lido. Por fim, ao fazer essa interpretação pela escolha, pressupondo o aspecto da objetividade-subjetiva, ele se coloca no ato criador como figura, ou seja, projeta-se na imagem do apelo ao leitor feita pelo narrador Dante por meio do figuralismo estético ou historicista para predispor a verdade e a representação do real.

Referências

- ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. Tradução Ítalo Eugenio Mauro. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- AUERBACH, Erich. *Ensaio de Literatura Ocidental*. Tradução Samuel Titan Junior e José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Ed. 34, 2007.
- AUERBACH, Erich. *Figura*. Tradução Duda Machado. São Paulo: Ática, 1997.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 5. ed. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora Unesp, 1999.
- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Tradução Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- DEMO, Pedro. *Metodologia do conhecimento científico*. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- ECO, Humberto. *Lector in fabula*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- GIL, Antônio. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: ISER, Wolfgang. *O ato de leitura: uma teoria do efeito estético*. Vol. 2. São Paulo: Ed. 34, 1999, p. 95-198.
- JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa (Org. e Trad.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011, p. 67-84.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. 2. ed. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009.
- PIGLIA, Ricardo. O que é um leitor? In: *O último leitor*. Tradução Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 19-37.
- STERZI, Eduardo. *Por que ler Dante*. São Paulo: Globo, 2008.
- WHITE, Hayden. Auerbach's Literary History: Figural Causation and Modernist Historicism. In: LERER, Seth. *Literary History and the Challenge of Philology: The Legacy of Erich Auerbach*. Redwood City: Stanford University Press, 2022, p. 124-140. <https://doi.org/10.1515/9780804764766-011>.

Dante Alighieri and apostrophe: the reading effect and the aesthetic figuralism in the formation of the contemporary reader

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicity:

Fluxo contínuo

Volume 8

Number 1

Abstract:

The effect of reading in contemporaneity is given with the becoming of the empirical reader in co-authorship in the configuration of literary writing. This figural interpretation occurs with historical fulfillment by refiguring the real in the world of the text. *The Divine Comedy*, by Dante Alighieri, it is observed that the appeal is in the Renaissance molds of the apostrophe, the discourse of language and form, which allow us to go back to the medieval tradition and return to the present day with a new moral and Christian value judgment. The aesthetic figuralism is in the passage from the ancient reader to the current one as a participant in the spatial and temporal dimension of the literary work as its network of meaning is not only centered in the author's voice, but in the references instituted by the writing itself. Having as main base the analysis of "Appeals to the reader", by Erich Auerbach (2007), in *Essays on Western Literature*, the investigation clarifies that the receiver is born with the text, but it is in the language and in the effect of reading through the act of re-signification of the text and the reception that the reader is inscribed in the most diverse epochs.

Keyword: Reader. Reading. Dante Alighieri. Aesthetic figuralism. Contemporaneity.